

Histórias da política brasileira, segundo ACM

■ Em longo depoimento, senador revela bastidores dos últimos 45 anos e 'solta os bichos' contra adversários e até mesmo aliados

Alexandre Durão — 14/1/95

MARCEU VIEIRA

Chega hoje às livrarias um manual da política brasileira, segundo um de seus personagens mais poderosos: o senador baiano, cacique do PFL, Antônio Carlos Magalhães. *Política é paixão*, da editora Revan, é resultado de 15 horas de entrevista. No formato pergunta-resposta, dele participam cinco jornalistas: Maurício Dias e Marcelo Pontes, do JORNAL DO BRASIL; Ancelmo Góis, da revista *Veja*; Miriam Leitão, de *O Globo*; e Rui Xavier, de *O Estado de S. Paulo*. Nele, ACM relata episódios que viu e viveu nos últimos 45 anos. Emociona-se ao recordar o suicídio de uma filha e de um genro, e destila ironias ao revelar bastidores de todos os governos de lá para cá, sobretudo os militares.

O livro, o segundo da série *Quem é*, inaugurada por *Ciro Gomes, no país dos conflitos*, é leitura obrigatória para quem gosta ou vive da política, mesmo que deteste

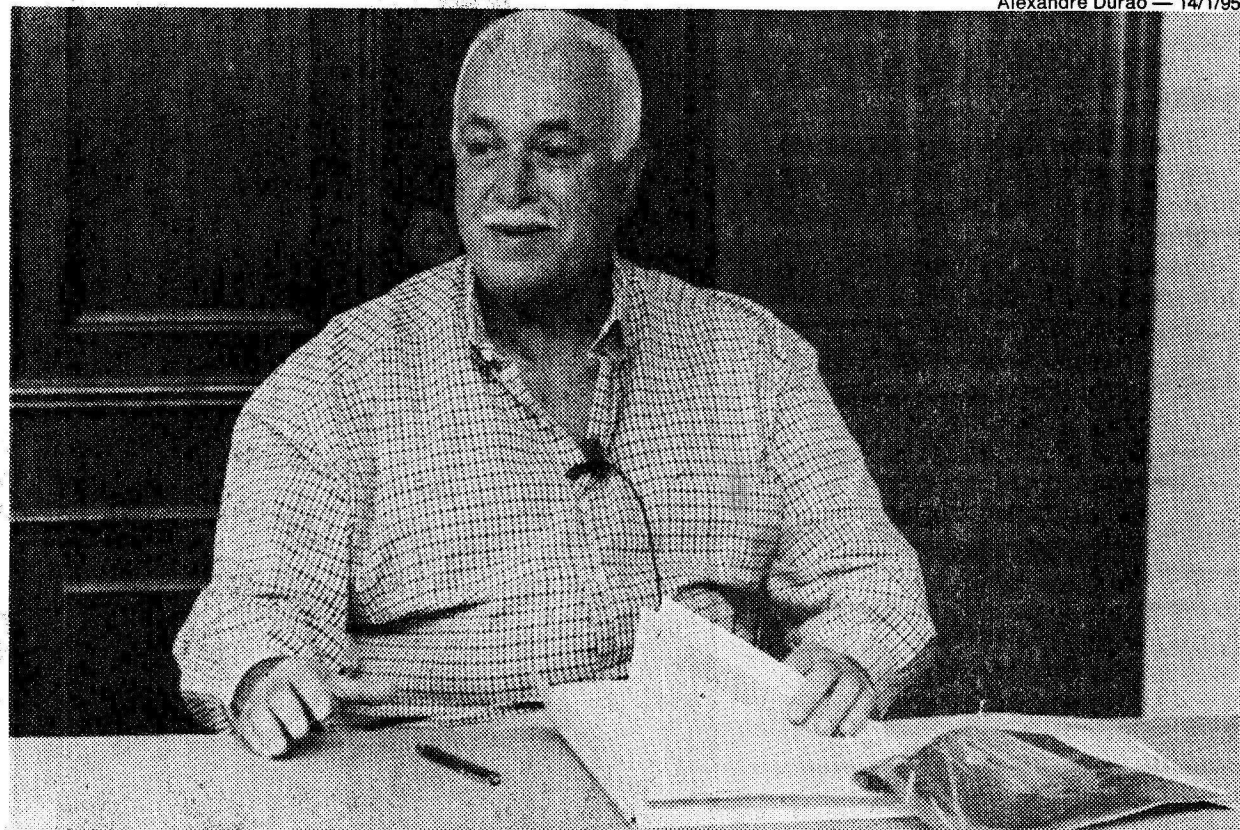
ACM. Seus pecados são virtudes para quem tem curiosidade no jogo político. Um desses pecados — ou virtudes — é dedicar trechos longos demais a passagens remotas, nem sempre interessantes, em que os personagens são figuras secundárias. ACM está vivíssimo nas 280 páginas apresentadas por Marcos Sá Corrêa, jornalista curtido na geração dos melhores repórteres políticos do Brasil, como os cinco que entrevistam o senador.

ACM faz inúmeras revelações e contesta fatos até aqui registrados como verdades. Ou mistura revelação e contestação. Exemplo: não foi — diz ele — para garantir o mandato de cinco anos de Sarney que ele, como ministro das Comunicações, distribuiu concessões de rádio a deputados e senadores na Constituinte de 1988. Diz isso e apresenta uma lista de nomes que pediram concessões para seus apadrinhados: Mário Covas, Ulysses Guimarães, Itamar Franco...

O senador surpreende ora pela

contundência, ora pela benevolência com que fala de aliados ou inimigos. Há críticas e elogios para todos: do lendário general Golbery do Couto e Silva, criador do SNI — o famigerado Serviço Nacional de Informações do regime militar —, a Leonel Brizola, "muito corajoso", segundo ele, embora "incompetente administrativamente". ACM consegue comparar Lula a Maluf, "iguais na arrogância", faz uma defesa veemente do império global do amigo Roberto Marinho, e confessa uma certa fraqueza estatizante. Suas preocupações: a Petrobrás, diz, não é empresa que se venda; a telecomunicação, toda privatizada, pode deixar sem telefone o brasileiro dos cafundós.

No livro, ACM dá pelo menos uma derrapada. Esquecendo-se de Paulo César Farias, o senador afirma, gabola: "Eu fico feliz porque só duas siglas (de nomes de personagens da política) pegaram neste país: JK e ACM". A companhia é indesejável, mas faltou PC.



No livro *Política é paixão*, ACM dá sua versão sobre distribuição de concessões de rádio no governo Sarney

MALVADEZAS E TERNURAS

Fraude — "É natural que o Waldek (Ornellas, senador pelo PFL da Bahia) tenha tido mais votos do que eu em algumas urnas. (...) Eu fiz muito mais campanha para ele do que para mim (...). Eu dizia assim: 'Entre o meu nome e o do Waldek, vote no Waldek porque eu estou eleito e precisamos derrotar o Moleza (Waldyr Pires).'"

Dona Ruth — "Coitada. Dona Ruth é uma senhora muito boa, uma intelectual. Ela tem o direito de pensar o que quer, como eu também. (Ainda na campanha, num telefonema para Fernando Henrique depois de críticas de Dona Ruth a ACM), ela atendeu (...) e disse: 'Ele só volta à meia-noite'. Ai eu disse: 'Olha, minha senhora (...), ele me procurou e, para a senhora não pensar que eu estou atrás dele, quero dizer que não costume ligar para candidato a presidente. O candidato a presidente é que liga para mim.'"

Cardoso — "O Fernando Henrique Cardoso falou à revista *Playboy* (em 1984) que acha o militante em tempo integral um chato (...). O Fernando Henrique, que é uma das grandes revelações recentes da política, ainda não está habituado com sua nova atividade. Se ele quiser alcançar seus objetivos, terá de militar em tempo integral."

Golpe de 64 — "O regime foi ditatorial, mas foi o povo que pediu a ditadura na época. (...) O 64 não surgiu sem que o povo quisesse, assim como foi derrubado também pelo povo. (...) Isso de tortura existia realmente, mas era o porão (...), eram aqueles que queriam desvirtuar o regime."

Juscelino — "Pedi audiência e Juscelino marcou. Fiquei ali na guarita do Palácio Laranjeiras (...). Entrava militar, saía militar, entrava deputado, saía, e eu ali, de saco cheio, meninozinho bobo, 31 anos. Ai tive uma ousa-

dia. Quando cheguei lá, na minha hora, (...) eu disse: 'Bem! Vim aqui hoje para ter essa audiência com o senhor, mas é a última a que venho. (...) Sou deputado federal e não posso passar por essa humilhação.' (...) Ele me pegou pela mão (...), dizendo o número do telefone que só quatro ou cinco pessoas tinham (...): '45-6995, você vai me telefonar três vezes por semana.'"

Maluf — "Eu nunca disse que ele era o maior honrado do Brasil, já? Eu já disse que ele é honrado? Se eu disser que o homem mais honrado do Brasil é o Paulo Maluf, aí você pode me cobrar o que falei no passado. Do Paulo Maluf não tenho o que desmentir do que disse no passado (ACM chegou a dizer, no passado, que Maluf era "o maior ladrão do país")."

Carlos Lacerda — "O Carlos provou que falava bem e que também administrava bem. (...) Agora, o Carlos era de uma incoerência total. (...) Tinha momentos de grande coragem e momentos de covardia."

Estilo — "Tenho repertório para todos. Conversa de todos os tipos para todos (...). Inclusive os chatos."

Brizola — "Ele era meu vizinho de apartamento, em Brasília. (...) O Brizola teve uma briga séria com o João Calmon (deputado em 1963, ano a que ACM se refere) e eu que segurei o Brizola. Ele me deve a vida, porque o Calmon ia atirar nele e eu não deixei. Peguei-o antes e fiquei abraçado com ele, no chão, para evitar que o Calmon atirasse. Ele tem coragem, o Brizola. (...) Ele é incompetente administrativamente, não tem ne-

nhum gosto pela administração. Ele é político, não administrador."

Soco em geral — "Foi no dia 4 de setembro de 65 (...). Ele (o general João Costa, comandante da Região Militar do Nordeste) veio falando comigo no elevador, com o dedo na minha cara. Na mesma hora dei-lhe um tapa. Arranquei (...) o quepe dele."

Itamar — "Itamar (...) tem a aparência de humilde, mas é muito vaidoso. Veste-se mal, achando que se veste muito bem. Não sendo um Robert Taylor (...), se julga muito bonito."

Derrotas — "Eu nunca fui, pessoalmente, derrotado em nada. Nem para diretório. Nunca perdi uma eleição que disputasse."

Tancredo — "O Tancredo nunca acreditou nas diretas. Outro dia, o Aécio (deputado Aécio Neves, neto de Tancredo) ficou muito zangado (ao ler reportagem no JORNAL DO BRASIL, dizendo que Tancredo não queria as diretas). O Tancredo sabia que as diretas não davam certo e que ele não se elegeria com elas."

Sarney — "Sarney é uma figura extremamente agradável quando não cuida do governo dele. O Sarney ficou muito desagradável porque só fala do governo dele. É uma figura interessante sob outros ângulos; mas ele só pensa nisso. Então, fica desagradável."

Concessões — "Eu acho (correto dar concessões de rádio e TV para amigos). É tão correto quanto você trabalhar. Eu nunca dei para mim. Você pensa que eu tenho a TV Bahia porque dei para mim? (...) Se o Lula fosse presidente, provavelmente ele não daria para os adversários dele."

Monopólio global — "(...) Não vejo nada demais (no fato de um único empresário ser dono de rádios, TVs e jornais). A qualidade que ele apresenta é tão boa que qualquer peca-

do menor desaparece."

Jânio Quadros — "Agora ouçam a conversa: 'Senhor Jânio, eu tenho dificuldades para apoiar o senhor (a presidente, em 1959). Gosto muito do Juscelino Kubitschek, mas aqui (na Bahia) todos os votos serão para o senhor'. Ele me respondeu: 'Olha (...), eu tenho problemas na minha campanha e o senhor é que vai me ajudar (...). Ai, ele colocou o rosto dele no meu e ficou esfregando de um lado a outro, e falou: 'Antônio, meu bem, o nosso casamento é de véu e grinalda.'"

Ulysses — "Ele foi (um grande político na oposição) porque não pôde ser governo, porque perdeu. Se o meu destino é ganhar e o dele era perder... (...) Manda a verdade que se diga: no dia em que o doutor Ulysses indicou (nomes para cargos no Ministério das Comunicações, no governo Sarney) eu fiz restrições a três ou quatro, algumas de ordem moral. Ele brigou comigo."

Figueiredo — "O Figueiredo não tem segurança, não é um homem correto nas suas amizades, não tem lealdade, não é bom administrador e não tem princípios. É deseducado e exagera nessa deseducação para suprir seu desconhecimento. Não posso imaginar esse camarada triplice coroado em nada. (...) "

Collor — "Se não tivesse a vida suja, não cairia. (...) Tomei nojo. Morre o irmão e ele vai para Aspen. Fiquei com asco, acho que é a expressão mais apropriada."

PC Farias — "Culpar o PC e não culpar o Collor, acho isso um absurdo."

Presidência — "Se eu fosse candidato, o Fernando Henrique não teria sido eleito e essa não seria uma boa coisa: nem eu ser eleito e nem ele."

Rio de Janeiro — "Tenho certeza de que, se viesse tentar ser candidato, teria uma boa margem. Tenho (um certo fascínio pelo Rio). Ainda admito isso (mudar para o Rio e fazer carreira política), com essa idade."

Maciel — "Fizemos uma lista triplíce: Marco Maciel, Jorge Bornhausen e Guilherme Palmeira. (...) Fernando Henrique escolheu o Palmeira. Ai vieram aqueles problemas (...) Ele ai pegou o Marco, muito a contragosto."

Luiz Eduardo — "Ele sabe mais do que eu. É mais competente, não briga com ninguém."

Formalismo — "Eu era o único ministro que chamava o Sarney de presidente o tempo todo. Não chamo Fernando Henrique pelo nome de jeito nenhum (...). Agora, no dia em que deixar de ser presidente, vou chamá-lo de Fernando Henrique. O Sarney agora é Sarney, e ele fica doente por isso, porque ele queria sempre ser chamado de presidente. Ah, tem graça! Já me contrafiz durante cinco anos..."

Lula — "Lula só será presidente do Brasil se nós errarmos. (...) Mas quando o povo tiver qualquer opção, entre o Lula e a opção, vai a opção, se não for muito amarga, vai a opção. (...) Ele não aparenta humildade. (...) A humildade é uma das coisas mais importantes. (...) Lula e Maluf — um do proletariado, outro do capitalismo — se parecem na arrogância."

Sérgio Motta — "Ele tem chance (de ser bom ministro das Comunicações) se quiser estudar."

OAS — "Nunca (fez pedidos pela OAS) e nem dei (favorecimento enquanto era governador da Bahia). (...)

O presidente da OAS é meu genro, gosto muito dele. (...) Quero dizer que a OAS já havia antes de ele casar com a minha filha."

Morte do genro — "Minha filha casou, vivia bem. (...) Ele (...) bateu o carro a uns 100 metros do apartamento. Subiu o prédio (...), ficou na área de serviço. Suicidou-se nessa escada. (...) "

Morte da filha — "Tenho uma filha que também se suicidou. Deu um tiro na cabeça. Talvez tenha sido (o pior momento da minha vida)."

Fortuna — "Eu não sou um homem rico, eu sou um homem em quem eu diria hoje independente. De uma classe média alta, bem bafejada. (...) "

Golbery — "Isso foi um irmão meu que, brincando, falou com o Mário Kertz (ex-prefeito de Salvador). E o Kertz, quando brigou comigo, falou para o Golbery (do Couto e Silva, criador do SNI). Golbery, então, fez essa pilhéria comigo (chamando-o de *Toninho Malvadeza*) e levou a resposta de que era o *Genedow* (um trocadinho que misturava a condição de general de Golbery com a multinacional Dow Chemical, com a qual o ministro tinha ligações)."

Ciro Gomes — "Acho que às vezes o *Ciro* exagera na crítica. (...) Por ausência de cabelos, sobretudo brancos, ele às vezes exagera. Mas ele tem razão em muita coisa."

Empresários — "Se eles trabalhassem mais pensando no Brasil, e pensassem menos nos jantares que têm que dar às autoridades, eu acho que o país ia andar melhor."

Social-democracia — "Eu não creio nela."

Gustavo Krause — "Eu não acho que o Krause tenha vôo maior. O Krause veio ser sempre um cara muito querido, muito agradável, mas, na hora de voar, fica ali."

